

Terá emprego quem for polivalente

Tudo indica que, daqui a uns dez anos, a grande maioria das pessoas trabalhará não mais em empregos fixos, mas como autônomas, em projetos que têm começo, meio e fim. Terminada essa tarefa, elas irão passar para outros projetos na mesma empresa, ou em outra. Serão frequentes também o trabalho à distância, o teletrabalho, a empreita, a subcontratação. Quem faz estas previsões não é nenhum futurista e sim o professor José Pastore, um especialista em sociologia do trabalho.

Quem sobreviverá nesse novo mundo? Segundo o professor Pastore, "terão mais chances os que puderem continuar acompanhando o ritmo da revolução tecnológica e organizacional" iniciada agora. Em outras palavras, vão sobreviver "os que forem educados, e não meramente adestrados", os alunos de escolas que se preocuparem em substituir o ensino tradicional, segmentado, pelo multidisciplinar.

"Será um tempo - acrescenta o professor Pastore - para quem souber se comunicar, trabalhar em grupo, aprender várias atividades. Será a era da polivalência, da multifuncionalidade, das

famílias de profissões." O mundo futuro está nascendo completamente diferente do atual. Quem não quiser perder o bonde, vai precisar se adaptar à mudança.

Os sinais já estão aí, à vista de todos. A Fiesp, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, informa que a indústria paulista está produzindo a mesma quantidade de cinco anos atrás, com 25% de trabalhadores a menos. Mesmo com atraso, a abertura comercial transplanta para o Brasil imagens comuns há anos em outros países. Nos grandes magazines ingleses, é difícil encontrar roupas feitas no próprio país. Casacos têm etiquetas da Indonésia, saias e blusas vêm da China ou de Singapura. O japonês come frutas do Chile, o chileno viaja em carros que chegam do Japão.

Palavras da moda - Aqui não é diferente. Com taxas de juros baixas, ou mão-de-obra barata, compensa mais trazer as matérias-primas de fora do que comprá-las no País. Para outros, é mais vantajoso fabricar no exterior do que internamente. Os empresários brasileiros,

antes acostumados à proteção das reservas e nichos de mercado, de repente bateram de frente com a concorrência internacional, um animal feroz que não hesita em devorar os mais fracos e menos competentes.

A indústria nacional teve de se adaptar, a duras penas, importando modelos que deram certo em países que se desenvolveram antes ou estão conseguindo avançar em grandes passadas, como Japão e os chamados Tigres Asiáticos. As palavras da moda ainda são reengenharia, qualidade total, corte de níveis hierárquicos. Essas técnicas exigem

redução de custos, enxugamento do quadro de funcionários e muita flexibilidade. Em todos os países, o setor mais sacrificado foi o da indústria. Há 20 anos nos Estados Unidos, a indústria gerava 26% dos empregos oferecidos à massa trabalhadora. Hoje, não chega a 20%. Na Alemanha, aconteceu a mesma coisa: a participação dos empregos industriais caiu de 36% para 32%.

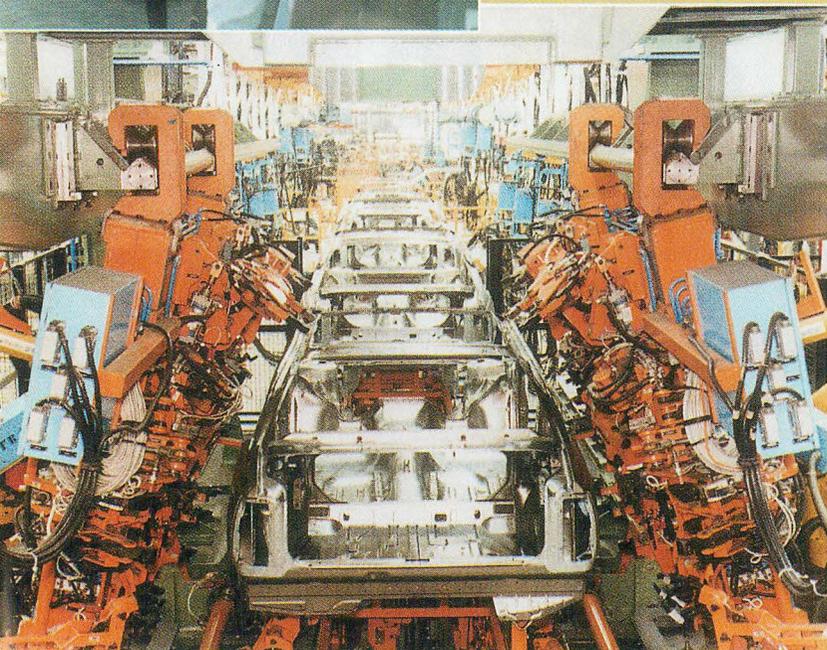
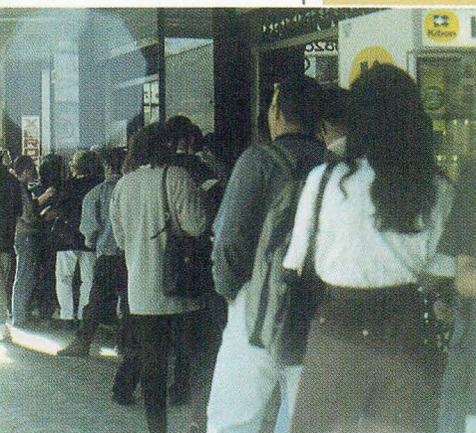
Robôs e equipamentos automatizados tomam o lugar do homem em tarefas repetitivas ou realizadas em ambientes insalubres. A corrida tecnológica é cada vez mais rápida. Na década de 70, um novo produto lançado no mercado

costumava ficar dois anos a salvo da concorrência. Nos anos 80, o prazo caiu para seis meses. Hoje, em apenas seis semanas uma empresa não tem mais exclusividade sobre lançamentos. Quem ignora os novos recursos corre o risco de ficar ultrapassado. A Suíça mantinha 90% do mercado mundial de relógios analógicos (aqueles com ponteiros) e, como não percebeu as mudanças tecnológicas, ficou com apenas 7%. O resto, os japoneses levaram.

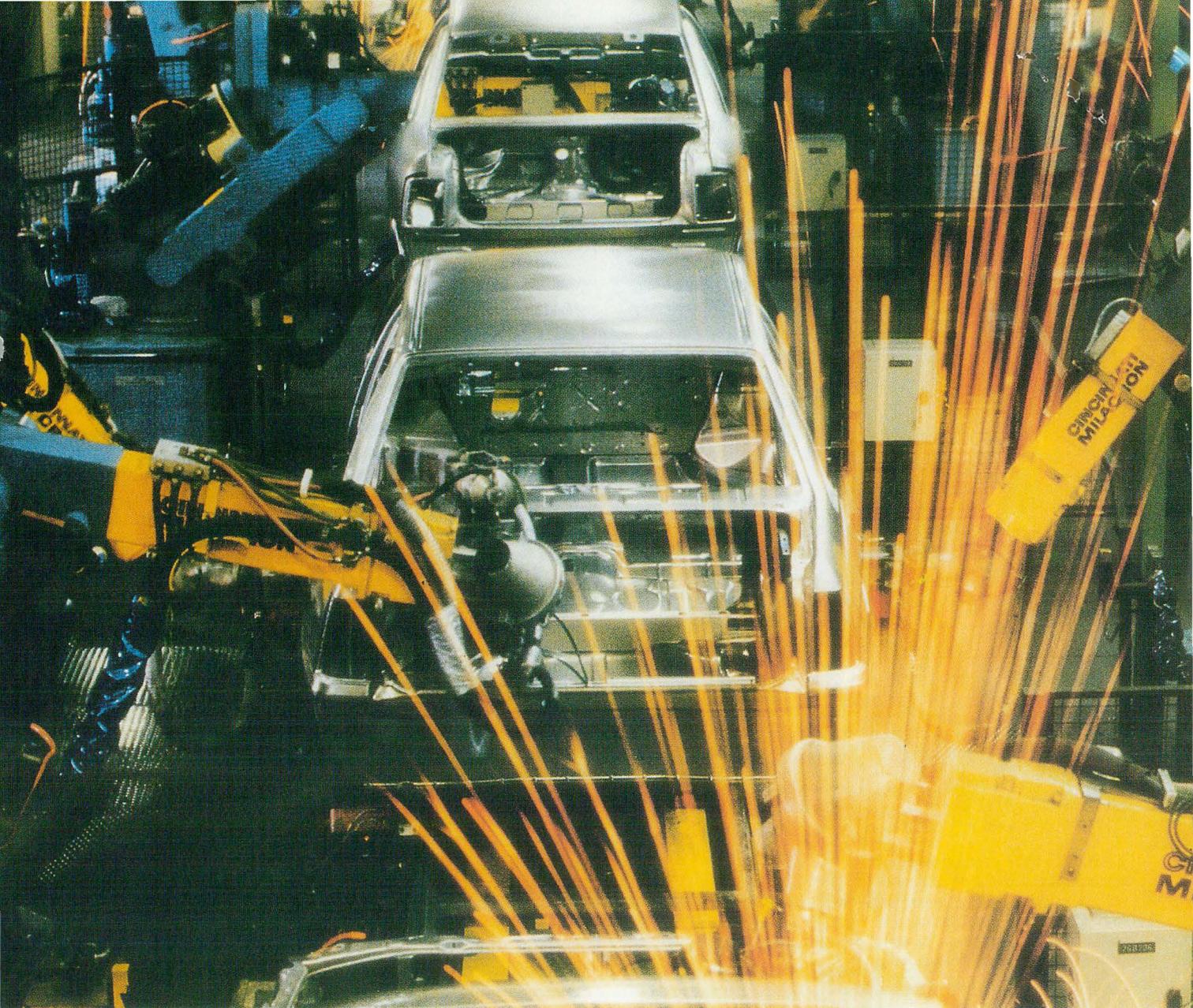
Mudança pessoal - No século passado, David Ricardo, um economista inglês da escola clássica, antevia as máquinas como destruidoras dos empregos. Para Karl Marx, o desemprego era decorrente da acumulação de capital. Alvin Tofler batizou a atual era da informática como a "terceira onda" da revolução tecnológica, depois da máquina a vapor e do motor elétrico. Ele acreditava que o aumento da produtividade decorrente das novas tecnologias seria grande inibidor da geração de novos empregos.

Mas os fatos não comprovam esses receios. "A informática e a automação criaram um cenário de competição internacional em que, tanto para os produtores de tecnologia como para seus consumidores, se exige cada vez mais competência cognitiva de nações inteiras", escreveu o físico e pesquisador Sér-

José Pastore: a educação é tábua de salvação; a revolução tecnológica vai gerar muitas vagas



Eduardo Knapp/FSP



Desafio para a educação

trabalho fechados não serão mais reabertos. Com a expansão da atividade econômica, novas oportunidades vão surgir - mas em outros setores.

Neste cenário, a grande pergunta é: o que as escolas podem fazer para ajudar o Brasil a se adaptar ao novo modelo da economia mundial? No mínimo, servir de alavanca para a mudança. "Ou nos modernizamos todos, ou o País acaba", diz o ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Melhorar o nível de educação da população brasileira é condição essencial para que se possa adotar os novos modelos de produção exigidos hoje.

O governo declarou que este é o ano da educação e propôs uma parceria aos empresários para consolidar uma grande revolução educacional no País. Não se trata de resolver apenas o problema de pais de família que perderam o emprego. O que está em jogo é o próprio futuro do Brasil. "Temos de tomar decisões agora, que alterem a situação da educação em horizonte de tempo razoável, ou vamos estar renunciando à possibilidade de continuarmos sendo uma Nação", defende o ministro.

Depois de perder todas as oportunidades históricas anteriores, o País ga-

nha uma nova chance de recuperar o atraso, na véspera da entrada do novo milênio. O professor José Pastore, durante muitos anos titular da Faculdade de Economia e Administração da USP, ressalta que a morte do emprego não significa a morte do trabalho, e muito menos do trabalhador. "A educação será a tábua de salvação", diz ele. Para os jovens, que se preparam para entrar um dia no mercado de trabalho, significa que a atual revolução tecnológica haverá de gerar muitas vagas - para quem souber trabalhar e descobrir que o mais importante na escola é aprender a aprender.

gio Costa Ribeiro, do Rio de Janeiro. "Elas sepultaram o axioma marxista de que o avanço da tecnologia desqualificaria a mão-de-obra."

As novas tecnologias destroem e, ao mesmo tempo, criam empregos. Enquanto a indústria demite, dois outros setores da economia - comércio e serviços - abrem novos postos de trabalho. O Dieese, órgão de pesquisa mantido pelos sindicatos de trabalhadores, registra que o número de vagas criadas na área de serviços em São Paulo desde 1990, é duas vezes maior que as demissões na indústria. Em consequência, algumas profissões se valorizam e outras perdem importância.

Da mesma maneira, para sobreviver nesse mundo em transformação os empregados - tanto aqueles que já estão no mercado, quanto aqueles que se preparam para a grande aventura da vida -, terão de fazer em si próprios igual reengenharia. Terão de se tornar tão flexíveis e eficientes quanto as empresas. E a melhor ferramenta para operar essa mudança é a educação. Para funções de comando, larga na frente quem tem curso universitário, fala inglês, domina o computador, demonstra interesses variados e esteja em sintonia com as mudanças. Em resumo, o novo mundo exige preparo, habilidade e antenas ligadas.



Aumenta a procura de empregos na área de serviços e diminui no setor industrial

A volta ao tempo dos nossos avós

No mundo altamente competitivo de hoje, o jovem não pode imaginar que sua vida profissional esteja desligada de todos os desafios que cercam a economia brasileira. Ao contrário: a economia, as empresas e os trabalhadores são peças do mesmo conjunto. As empresas querem gente que se arrisque, saiba trabalhar em equipe, questione ordens e apresente idéias. É bem mais do que foi exigido dos pais dos jovens que se preparam para entrar no mercado de trabalho. A geração anterior fez uma faculdade para garantir um emprego. Até isso mudou.

Hoje, o canudo universitário não garante vaga a ninguém. Se a própria universidade não mudar, também vai ficar para trás. "Falta à universidade desenvolver um projeto para a nova sociedade que está nascendo", diz o professor José Atílio Vanin, que dá aulas na Faculdade de Química da USP e é vice-diretor da Fuvest. "Mas a sociedade precisa cobrar isso."

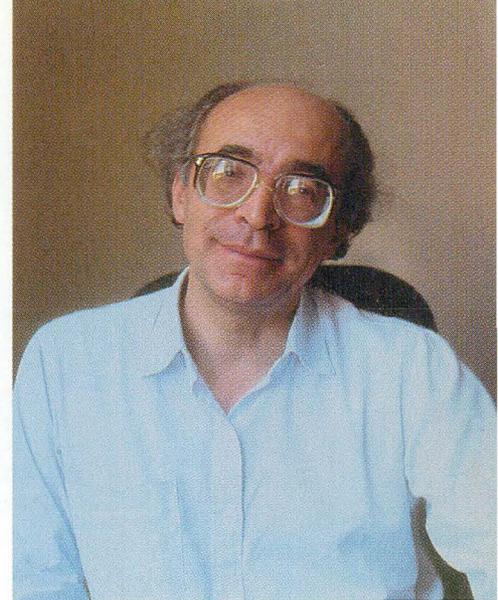
O professor Vanin vê duas alternativas para os jovens que estão entrando

na faculdade. Segundo ele, no futuro próximo só vai ter emprego nas melhores empresas quem acrescentar ao diploma de graduação cursos de mestrado e doutorado. "Empresas muito grandes querem ter no seu quadro pessoas altamente especializadas, justamente para, com poucos funcionários, resolver todos os problemas."

E os alunos que não têm vocação para estudar tanto? Para estes, de acordo com Vanin, haverá a segunda alternativa: "A universidade deveria formar empreendedores." Será a volta ao tempo dos nossos avós, em que as pessoas tocavam seu próprio negócio, especialmente nas áreas de serviço. Por isso, é importante que a educação seja multidisciplinar. Para sobreviver, esse jovem empreendedor precisará ter visão mais ampla do mundo, conhecer o produto com o qual vai trabalhar e, ao mesmo tempo, um pouco de legislação, marketing e comunicação.

Pós-industrial - Essa mudança na economia do Brasil é previsível, porque foi constatada na década anterior em países do Primeiro Mundo. Nos Estados Unidos, em 1981, 66% dos empregos já estavam no setor de serviços, aumentando para 72% dez anos depois. No Brasil, as estatísticas do IBGE mostram uma evolução constante da área de serviços e o declínio da ocupação da mão-de-obra pela atividade industrial.

O jornalista e sociólogo norte-americano Daniel Bell, professor na Universidade de Harvard, desenvolveu um esquema de mudança social que permite avaliar o atual estágio de economias como a brasileira. O país, como um todo, está na era pré-industrial, em que predomina a atividade do setor primário (caça, pesca, extração e agricultura). Os Estados do Centro-Sul, mais evoluídos, vivem a era industrial, com expansão do setor secundário da economia (indústria). Já o eixo Rio-São Paulo vive fenômenos do que Bell chama de era pós-industrial,



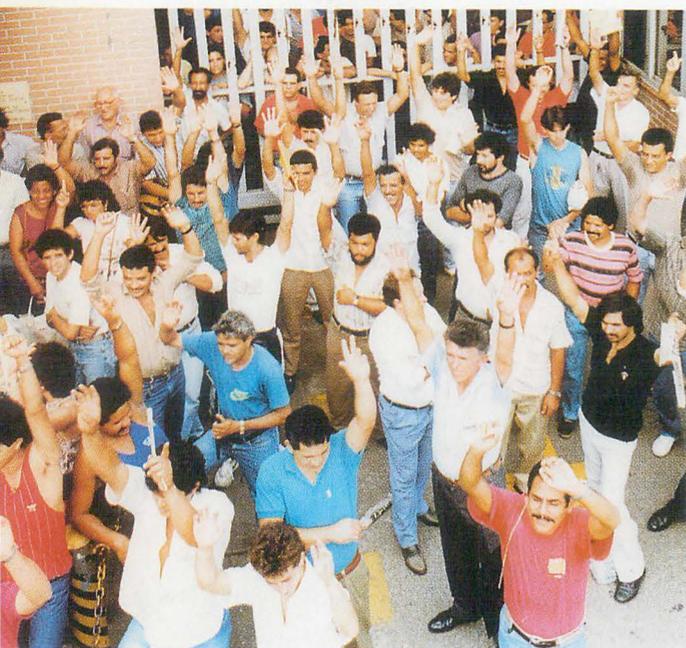
Vanin, da Química da USP: falta à universidade desenvolver um projeto para a sociedade que está nascendo



Bel Pedrosa/FSP

mais ao conhecimento acadêmico. Fala-se em tecnociência. A economia ganha força, porque é a ciência que administra os recursos escassos. E a comunicação é fundamental no mundo moderno, incluindo aí a linguagem visual, a informática e a maneira de lidar com todo conhecimento que chega ao mercado, seja na forma de livros, revistas, jornais, CD-Rom, seja pelos inesgotáveis caminhos da Internet.

O importante é o jovem buscar novos caminhos. Não precisa se limitar aos cursos tradicionais. A Fuvest oferece possibilidade de estudo em 72 carreiras e 130 cursos, e não apenas engenharia, direito e medicina. As outras universidades públicas e particulares têm a mesma abertura. O mercado



L. C. Leite/FSP

aponta crescimento na área de serviços, com destaque para telecomunicações, turismo, hotelaria, informática e administração de empresas. O diploma é necessário, mas não garante mais emprego. Prova apenas que a pessoa aprendeu a aprender. O mundo moderno exige que o profissional saiba que vai continuar aprendendo sempre. ■

tro em cada 10 candidatos tentaram uma vaga em engenharia, medicina ou direito. Segundo Vanin, para atender a esses alunos nem precisaria ser fundada a Universidade de São Paulo, pois os três cursos são anteriores à criação da USP, que existe há 62 anos.

A tendência de concentrar as preferências nestas três áreas tradicionais não leva em conta a realidade de mercado. Há 120 mil advogados formados somente no Estado de São Paulo. A maioria não encontra emprego em sua profissão - mas o presidente do Supremo Tribunal Superior, ministro Sepúlveda Pertence, lamenta que o Judiciário não consegue preencher 1.500 vagas de juiz de primeira instância no País, por falta de preparo dos candidatos inscritos nos concursos públicos. No caso dos engenheiros, o campo está igualmente saturado.

No modelo econômico anterior predominava o trinômio ciência, tecnologia e sociedade. Na era pós-industrial, diz o professor Vanin, as três coisas mais importantes são ciência, economia e comunicação. A ciência, entretanto, não se limita

Nas portas das fábricas ou nos modernos escritórios, profissionais acompanham a evolução tecnológica

na qual se destaca o setor terciário (serviços, saúde, consumo, educação, pesquisa e comunicação).

A época industrial é centrada em máquinas e dá importância ao engenheiro. A pós-industrial, ao contrário, dá importância a dois tipos de profissional - o técnico e o cientista, formado nos cursos de doutoramento - e valoriza a informação.

Saturação - Interpretando o modelo teórico de Bell com sua experiência na Fuvest, o professor José Atilio Vanin analisa as opções de carreira feitas pelos jovens. Ele acha um absurdo que, no vestibular da Fuvest deste ano, qua-

